

Eixo Temático: Enfermagem na Saúde Coletiva/Pública

SABERES RELACIONADOS AO USO DE RECURSOS NATURAIS NO TRATAMENTO DE DOENÇAS NA INFÂNCIA

Cícero Aldemir da Silva Batista¹; Luanna Gomez da Silva²; Jênifa Cavalcante dos Santos Santiago³; Marta Regina Kenrtopf⁴; George Pimentel Fernandes⁵; Izabel Cristina Santiago Lemos de Beltrão⁶.

Introdução: O uso de recursos naturais, como plantas e/ou animais, no tratamento de enfermidades infantis tem grande predominância. Por isso, torna-se relevante o conhecimento de como esse saber é instituído e os aspectos pertinentes ao uso desses recursos. **Objetivo:** Tomar conhecimento referente aos saberes de uma dada comunidade tradicional de um município da região do cariri cearense, acerca de recursos naturais utilizados para o tratamento de doenças prevalentes na infância. **Materiais e Métodos:** Pesquisa descritiva realizada com 54 participantes de uma comunidade da zona rural de uma cidade pertencente à região do cariri cearense. Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva e o teste de hipóteses, através de técnicas não-paramétricas descritivas e de inferencial. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Regional do Cariri, sob parecer nº 705.497. **Resultados:** Com a pesquisa, foi possível evidenciar que uma parcela significativa dos entrevistados relatou utilizar frequentemente plantas e/ou partes de animais para tratar e prevenir doenças (27%). Além disso, de acordo com os informantes, a forma de transmissão de conhecimento mais recorrente foi a oral, tendo os familiares (76%) como difusores protagonistas desse processo, em especial as mães, as avós e os pais. Quando utilizado o teste do qui-quadrado e a razão de verossimilhança para comparar o conhecimento esboçado entre homens e mulheres referente ao uso de recursos naturais, percebeu-se uma significância estatística real apenas quando se considerou o número de espécies citadas por ambos os sexos para as doenças diarreicas na infância ($p = 0,041$). Aplicando os mesmos testes estatísticos para comparar o conhecimento entre os informantes mais velhos e mais jovens da amostra, só houve associação significativa entre a idade e o número de espécies citadas quando consideradas as IRA ($p = 0,000$). Um dado significativo foi o fato dos idosos da comunidade não terem tido representação no grupo

¹Cícero Aldemir da Silva Batista – Discente do 4º semestre do curso de graduação em enfermagem da (URCA). Membro do Grupo de Pesquisa e Extensão em Saúde da Criança e do Adolescente (GRUPECA/CNPq/URCA). Bolsista do Projeto de Extensão PRÓSS-Quilombolas.

²Luanna Gomez da Silva – Graduada em Enfermagem URCA/ Membro do Laboratório de Farmacologia de Produtos Naturais (LFPN). Docente ATS.

³Jênifa Cavalcante dos Santos Santiago – Doutorado em Cuidados Clínicos em Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁴Marta Regina Kenrtopf – Doutora em Farmacologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Professora Adjunta da URCA, Departamento de Química/Biológica.

⁵George Pimentel Fernandes – Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Professor Adjunto da URCA, Departamento de Educação.

⁶Izabel Cristina Santiago Lemos de Beltrão – Mestrado em Bioprospecção Molecular (PPBM/URCA), Membro do Laboratório de Farmacologia de Produtos Naturais (LFPN). Membro do Grupo de Pesquisa Farmacognosia quantitativa e qualitativa, Coordenadora do Projeto de Extensão PRÓSS-Quilombolas, Professora Assistente da URCA, Departamento de Enfermagem.

de citação que envolve um número igual ou superior a 9 espécies diferentes relatadas para as IRA. Os idosos figuraram preponderantemente no grupo de citação que compreende de 3-5 espécies, sendo que 40% dos idosos entrevistados na faixa etária de 76-90 anos mencionaram apenas um número de espécies diferentes igual ou inferior a 2. **Conclusão:** A consideração de cuidados culturalmente aceitos pode ser encarada como uma ponte segura para o estabelecimento de uma melhor comunicação, com potencial para direcionar todo o curso terapêutico da doença. Nesse sentido, reflete-se que os aspectos e práticas do saber popular podem ser um importante aliado na busca por uma assistência mais eficaz à saúde da criança, emergindo alternativas diversas. Quando esses aspectos culturais se tornam desconhecidos ou negligenciados pelos profissionais de saúde, durante as consultas ou visitas domiciliares, eles podem configurar-se em uma barreira intransponível, que prejudica a adesão ao plano terapêutico e, conseqüentemente, as condições gerais de saúde e de restabelecimento da criança.

Descritores: Medicina Tradicional, Plantas Medicinais, Saúde da Criança.

Apoio/auxílio financeiro: Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

¹Cícero Aldemir da Silva Batista – Discente do 4º semestre do curso de graduação em enfermagem da (URCA). Membro do Grupo de Pesquisa e Extensão em Saúde da Criança e do Adolescente (GRUPECA/CNPq/URCA). Bolsista do Projeto de Extensão PRÓSS-Quilombolas.

²Luanna Gomez da Silva – Graduada em Enfermagem URCA/ Membro do Laboratório de Farmacologia de Produtos Naturais (LFPN). Docente ATS.

³Jênifa Cavalcante dos Santos Santiago – Doutorado em Cuidados Clínicos em Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁴Marta Regina Kenrtopf – Doutora em Farmacologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Professora Adjunta da URCA, Departamento de Química/Biológica.

⁵George Pimentel Fernandes – Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Professor Adjunto da URCA, Departamento de Educação.

⁶Izabel Cristina Santiago Lemos de Beltrão –Mestrado em Bioprospecção Molecular (PPBM/URCA), Membro do Laboratório de Farmacologia de Produtos Naturais (LFPN). Membro do Grupo de Pesquisa Farmacognosia quantitativa e qualitativa, Coordenadora do Projeto de Extensão PRÓSS-Quilombolas, Professora Assistente da URCA, Departamento de Enfermagem.